84
BALANÇO
DO ANO

ROLL

ANO 2 Nº 14
Cr$ 4.000,

Para Manuas, Boa Vista, Porto Velho, Rio Branco, Santarém – Via Aérea – Cr$ 5.200,

os destaques do ano

LOBÃO · D. STRAITS
PRETENDERS · BLITZ
PARALAMAS · YES
VAN HALEN · TITÃS

os melhores do heavy

KISS · AC/DC
IRON MAIDEN
DEEP PURPLE

CAZUZA
a raça do barão

JANEIRO DE ROCK NO RIO

ENTREVISTA

Baratos do Barão

"Nós não começamos nessa época de abertura pro rock", dizem eles. E, de fato, o Barão Vermelho já espalhava seu som pelo Circo Voador e pelo Arpoador antes do boom dos roqueiros nacionais. A banda foi abrindo seu espaço aos poucos e o trabalho de Cazuza e Frejat transformou-se na marca registrada do Barão. E 1984 veio consagrar o estilo do grupo, convertendo músicas como "Pro Dia Nascer Feliz", "Bete Balanço" e "Maior Abandonado" em hits nacionais. Neste bate-papo exclusivo com ROLL, as preferências musicais dos barões, a evolução de seu trabalho e um pouco da história da banda.

ROLL: Como tem sido a evolução do trabalho de vocês? Há diferenças significativas entre os três discos?

Barão: Prá começar, há diferenças do primeiro pro segundo. Depois de gravar o primeiro, acumulamos uma boa experiência nos shows, e chegamos ao segundo com vontade de fazer um trabalho mais caprichado. O que faltou de produção no primeiro disco, a gente pôs com exagero no segundo. O terceiro disco é o meio-termo. Daqui prá frente, podemos inclusive fazer um trabalho aceitável em termos de público ou de rádio sem nos comprometer-mos com um tipo de padrão de produção musical.

No segundo disco, houve excesso de técnica, a gente sentiu falta de calor. Nesse novo disco, "Maior Abandonado", a nossa principal preocupação foi o calor. O tecno pop é mais fácil de se transar no estúdio, porque é **maquinário**. Rock é uma coisa quente. O nosso som é uma coisa quente, e temos que passar esse calor no disco.

ROLL: Vocês têm procurado transar com os novos recursos tecnológicos?

Barão: A gente não tem usado, mas isso não é nada de obrigatório. Pode ser que, no próximo Lp, isso até pinte. Como qualquer outra idéia. Usar metais, por exemplo.

ROLL: Basicamente, o som de vocês é calcado no blues e no rhythm'blues, não é?

Barão: A gente trabalha com a transa do rock com sua raiz negra. Não trabalhamos com a parte branca, new wave. Curtimos Stones, Muddy Waters. . .

ROLL: O que vocês acham dos Stones?

Barão: O máximo.

ROLL: Como vocês viram a vinda do Jagger ao Brasil?

Barão: O Mick Jagger é um **business-man** maravilhoso, coerente, um empresário. É um inglês esporte. Veio prá quê? Prá pagar atores baratos. O Rio também tem uma paisagem linda. E a gente foi sempre explorado. Vai ser sempre assim. Eles são mais esportes. Ele mesmo diz que, se não fosse um **rock'n'roller**, seria economista de uma das maiores empresas da Inglaterra. Porque ele é filho de classe média. Ele ia fazer facul-

dade quando encontrou com o Keith Richards num trem.

ROLL: (para Frejat) E o que você acha do Keith?

Barão: O Keith já e o contrário do Jagger, é pirado, louco, se droga mesmo. Ele é genial. É outra onda, não a dos negócios. É o lance de manter a coerência do rock dos Stones. Você olha pro Jagger e se pergunta: "pô, o cara tá com 40 anos e tem essa disposição toda? Nunca deve ter tomado droga "Aí você vê o Keith Richards "empenado" do lado dele – é toda a coerência dos Stones. (Cazuza) O pessoal também curte Janis e Lou Redd. O Lou Reed é capaz de pintar na entrada de uma música com a guitarra desafinada e mesmo assim fazer uma coisa linda. Porque arte é isso. Eu não me considero cantor. Não tenho voz, sou rouco, sou "qualquer nota". Mas defendo o som de qualquer jeito. O lance é ter um jeito novo, diferente, de cantar.

ROLL: E os grupos novos do cenário nacional? Quem vocês curtem?

Barão: Lobão e os Ronaldos, Ultraje a Rigor, Titãs. Os Titãs são do cacete. Um dos únicos grupos no Brasil onde todos fazem tudo: tocam, cantam. É um rodízio de talentos, uma loucura. Eles disseram uma vez: "Na verdade, nós não somos um grupo; somos 8 grupos". E é um cataclisma, é um show da Broadway.

ROLL: O Barão começou a pintar numa época ainda restrita para grupos de rock. Depois, veio uma abertura maior. Hoje, vocês acham que já existe realmente um movimento?

Barão: Como vocês disseram, nós não começamos nessa época de abertura pro rock. Já tocávamos antes disso. Hoje a gente vê muita gente embarcando nessa boca. É claro, tem gente que também era subterrânea que nem o Barão, mas tem uma rapaziada que tá embarcando agora. (Cazuza) A Blitz abriu o mercado pro rock. Botou todo mundo no rabo dela. Tinha Rita Lee, mas de repente a Blitz era um grupo, abriu espaços para outros grupos e começou a definir uma linguagem urbana e jovem pro rock. Um lance de passar uma coisa da geração. Antes disso, o rock não tinha linguagem no Brasil. Tinha a Rita e o Raul Seixas, e prás gravadoras não passava disso. Mas havia uma panela fervendo por baixo, que depois surgiu.

ROLL: Como vocês encaram o fato de passarem do subterrâneo para a porta da frente?

Barão: É ótimo. Na porta da frente, o ar é mais puro.

ROLL: O Lobão nos disse, numa entrevista, que existe uma espécie de pacto entre os grupos novos. Ninguém fala mal de ninguém, ninguém aponta os erros de ninguém...

Barão: Ah, não. Lobão é uma merda (risos). A gente faz assim: de quem a gente não gosta, a gente não fala. Não fazemos propaganda negativa de ninguém. Se você pergunta de quem a gente gosta, a gente fala numa boa. E, se a pessoa é nossa amiga e nós achamos algum lance errado no trabalho dela, falamos com ela, não saímos espalhando por aí.

ROLL: O que vocês acham do pessoal de Brasília?

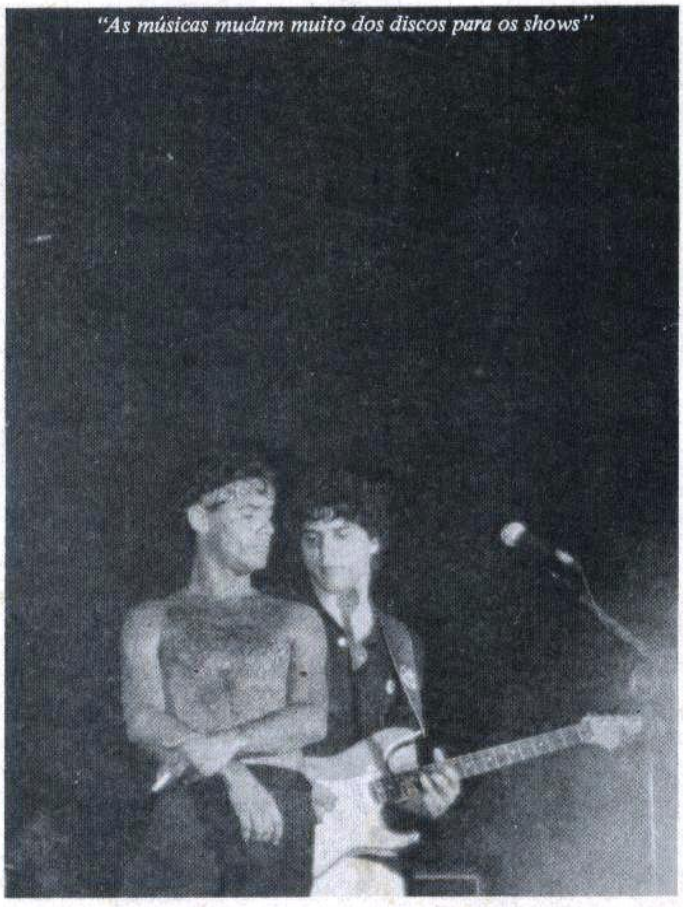
Barão: O Legião Urbana, o Capital, o Decalco Mania são grupos legais.

ROLL: Qual o barato dos shows, do lance ao vivo?

Barão: O grande barato de tocar é o show. Um show é uma trepada e a última música é uma gozada. É ouvir a música no rádio, na TV, mas não há nada como ver a galera delirando. Ainda faremos um disco "alive".

ROLL: O que esperam do Rock In Rio?

Barão: Vai ser uma apoteose. Mas o principal objetivo do festival é ser um lance bonito prá TV, tipo exportação. (Cazuza) É um projeto cultural. Vem muita gente importante pro 3º Mundo.



"As músicas mudam muito dos discos para os shows"

ROLL: Há uma diferença entre o primeiro Lp e o rock de "Pro Dia Nascer Feliz", né?

Barão: "Pro Dia..." é um rock mais complexo, mas não chega a ser "modernoso", não vira pastiche. Tem bastante tesão, mas não é um rock de três acordes.

ROLL: Como pinta uma música, prá vocês?

Barão: Normalmente, o Cazuza faz a letra e depois a gente põe a música, mas pode pintar o contrário. Em "Pro Dia Nascer Feliz", a letra foi feita antes da música; em "Bete Balanço, o oposto. A gente faz música de todos os jeitos. Pode aparecer nos ensaios: chega um e diz que uma parte da música (ou da letra) não tá legal, e aí a gente modifica, coisa e tal. Há um trabalho coletivo. Nos arranjos, todos dão cem por cento de si. Se alguém não se sente confortável no seu instrumento, o cara não goza mais. E todo mundo tem que gozar junto. . . Se, de repente, todo mundo gosta de uma música e o Guto não curte tocar bateria na música, fica um lance chato.

ROLL: (para Guto) Quando eles chegam com uma música prá você, como você transa os arranjos na bateria?

Barão: Ah, faço na hora. (Frejat) Eu tenho uma bateria eletrônica em casa e, quando componho as músicas, já gravo com a bateria. Mas, em noventa por cento dos casos, a bateria que eu pus ali não é a bateria do Guto. O ritmo básico pode até ser o mesmo, mas os detalhes, as viradas, as partes, as junções das partes, tudo é diferente. (Cazuza) O barato é trabalhar junto. Se eu saísse do Barão, ia ser uma "bad", porque não ia ter isso, sabe, fazer parte de um grupo. Mas, falando na composição, as músicas mudam muito dos discos para os shows. Muitas vezes, a gente vai tocando, corta a musica, mexe nela, fica outra coisa.

ROLL: Até chegar ao estúdio muda também?

Barão: Vai mudando sempre. Ultimamente, temos feito assim: temos três ou quatro músicas que já estamos tocando nos shows, antes de gravarmos. Quando chegamos no estúdio, essas músicas nos ajudam a ter um referencial do disco. A gente já tem, praticamente, a certeza absoluta do que quer.

ROLL: Caetano fez isso. . .

Barão: É, Caetano fez um show inteiro sem ter nada a ver. A gente põe uma, duas músicas, vai botando aos pouquinhos, tira uma e coloca a outra, por aí vai. De repente, tem músicas que não aconte-

"O som [illegible] muito igual, muito homogêneo"

ceram nos shows, e a gente tira do repertório. Há músicas que a gente não passa nem no ensaio. Tem que ter uma mágica, aquele som que todo mundo ouve e em dois minutos fica fissurado prá tocar.

ROLL: Por falar em Caetano, o que vocês acham dele?

Barão: Genial. É um cara que é unanimidade nacional, mesmo. Uma força inenarrável. O fato de o Caetano ter dito, num programa de TV que todo mundo viu, que, desses grupos novos por aí, ele preferia o Barão Vermelho, é uma força considerável. O jeito como ele fez isso é muito bonito, porque ele não tem medo, ele sabe que é porta voz de um lance... (Cazuza) Eu sou o maior tiête dele.

ROLL: Talvez vocês não queiram falar disso... a respeito de quando vocês **dançaram** em Sampa?

Barão: (Resmungos gerais) Não, nada a declarar. Um equívoco. A primeira página dos jornais foi ótima (risos).

ROLL: Foi bom ou ruim prá vocês?

Barão: Foi bom, né? A gente vendeu mais discos... foi a gravadora que mandou o policial e conseguiu a primeira página dos jornais (risos).

ROLL: Isso, de repente, **bate** como repressão.

Barão: É, isso deixa a gente triste.

ROLL: A capa do disco "Maior Abandonado" tem a ver com isso?

Barão: Não. É o fato de você ser um "maior abandonado" mesmo, de você estar na rua e ser parado pela polícia, um lance que acontece sempre. Um fato cotidiano.

ROLL: E o Ezequiel Neves?

Barão: Ele é a nosa governanta (risos). Nossa **baby-sitter** (mais risos). Parece muito brincalhão, mas no fundo é sério. Vai fundo no que ele gosta de fazer, vai fundo no trabalho dele. Ele trabalha com a emoção. A gente briga muito, porque, de repente, o Zeca já viveu muito, tem muita experiência, a vida prá ele parece brincadeira, agora. Quando ele nos viu pela primeira vez, comentou que tinha rejuvenescido 20 anos, que acreditava na gente, que voltara a acreditar em alguma coisa. Isso é muito importante. Ele é nosso irmão. Ele faz a cabeça da gente e vice-versa, tanto no nível musical quanto no pessoal. É um lance de troca, de igualdade. E, ao mesmo tempo, na loucura dele há uma lucidez. É como o Lobão diz, numa música linda: "A loucura é tão clara quanto o escuro da lucidez". A imagem do Zeca é essa. É um cara que pira o tempo todo, mas pira dentro da verdade. Porque a verdade, pro mundo, é uma mentira, entende, e quem fala a verdade pira, fica sem conexão com o mundo exterior.

ROLL: O Ezequiel já tocou no Made In Brazil, há tempos atrás...

Barão: Ele fazia **backing vocals** com o microfone desligado (risos).

ROLL: Ele perseguia essa característica que vocês têm, de estarem presos ao rock que o Made In Brazil fazia...

Barão: Mas o rock do Made In Brazil agora, por exemplo, é mais heavy. A gente não vai por esse lado pauleira do rock. O rock da gente é sempre uma coisa meio safada, vagabunda, "chula". É uma coisa de rua, um som **street** mesmo, não aquele lance violento, agressivo do heavy metal – até um pouco gratuito às vezes, porque não tem uma mensagem.

ROLL: Vocês, então, não gostam de heavy metal?

Barão: Não é uma questão de não gostar. A gente não ouve. Heavy metal é legal por um lance de rebeldia. Neguinho tá injuriado, vai pro

Ezequiel Neves: "Eles são meus netos"

EZEQUIEL

O nome de Ezequiel Neves sempre esteve ligado ao rock brasileiro. Ele foi durante muito tempo, e de vez em quando ainda é, crítico de música, já fez "backing vocals" (de microfone desligado) no grupo Made in Brasil na década de setenta e mais recentemente tem transado a produção do Barão Vermelho. Desde que conheceu o trabalho do Barão Vermelho ele acreditou nos garotos, pois viu no som da banda algo de novo e original. Por isso foi fundo com o grupo atravessando altos e baixos. Foi necessário enfrentar com perseverança o insucesso comercial dos dois primeiros discos para ver o grupo emplacar com o novíssimo "Maior Abandonado". Eufórico, Ezequiel comenta: "Foi preciso fazer 50 anos para se ter felicidade total". E acrescenta: "Eu não posso estar mais feliz do que neste momento: eles são ótimos e estão dando certo".

Tachado de "underground", Ezequiel foi sempre tido como aquela pessoa que acreditava no que não ia dar certo. Mas com o Barão Vermelho ele garante, tudo foi diferente. "Desde a primeira fita que caiu nas minhas mãos, eu vi que era bom demais e que ia ser genial se alguém ouvisse". Enquanto vai conversando Ezequiel fala de algumas das facetas do "Barão". Observa por exemplo a simplicidade do rock feito pelo grupo, que segundo ele, "é muito terra-terra". "O rock do Barão Vermelho é o rock que eu sempre adorei, pois complicar o rock é matar o rock". Chama também a atenção para a objetividade da letra e da música, "tudo muito na raça".

Sempre entusiasmado, Ezequiel, fala da diferença na produção dos três discos. No primeiro ele nos conta, a produção quase não existiu. "Era 1,2,3 e eles atacavam". No segundo, havia a co-produção do inglês Andy Mills, e Ezequiel não quis interferir. Só pediu encarecidamente: "não me façam 'bolo de noiva' porque não é isso". No terceiro disco, Ezequiel conseguiu surpreendentemente gravar com o grupo oito bases num dia só. Ele relembra o lance: "Quando mostrei para o Guto Graça Mello, ele deu a maior força. Quando ouviu as bases ele disse: "Vou trancar vocês no estúdio e ninguém vai poder entrar para atrapalhar, porque isso está ótimo". Com o compacto de "Bete Balanço" nas mãos, Ezequiel passou a tocar para todo mundo na gravadora e o comentário era geral – "Esse grupo é de obra. Queremos um Lp".

quarto, liga o som e pan. Qualquer pai se incomoda com heavy metal. É o som "espanta-papai".

ROLL: E de som atual, o que curtem?

Barão: Police, U2, Bowie.

ROLL: E o Psychedelic Furs, Echo And The Bunnymen, o que vocês acham desse movimento que está pintando na Inglaterra, dessa volta ao psicodelismo?

Barão: (Frejat) Do Psychedelic Furs eu gostei. Mas, o som inglês hoje tá todo muito igual, homogêneo. Todos os grupos estão transando mais a imagem do que o som. Nas

"O grande barato de tocar é o show"

décadas de 60 e 70, você diferenciava o som, não ia confundir nunca Emerson, Lake and Palmer con Yes, ou Stones com Who. Hoje, todos os grupos estão muito parecidos. Todo guitarrista inglês parece que está usando o mesmo som de guitarra. Uma sonoridade toda moderna. As melodias são muito parecidas, há 300 grupos diferentes. Não há prá saber nem a metade dos nomes. (Guto) O tipo de grupo que é feito num dia e desfeito no outro, e depois mil gravações piratas aparecem. É uma loucura. O movimento de rock no Brasil está bem melhor.

Perfil dos Barões

FREJAT

Responsável pela grande maioria das composições do Barão Vermelho, Frejat é o guitarrista da banda. Ex-estudante da escola de música Pro-Arte, aponta Jeff Beck e Jimmy Hendrix como guitarristas da sua preferência. Isso, segundo ele, na categoria "homem-guitarra", pois gosta muito também da guitarra base de Keith Richards, "que é um cara que com poucos acordes consegue criar ótimas melodias". Como compositor arranjador ele chama a atenção para a genialidade de Pete Townshend. Dos brasileiros ele cita Pepeu Gomes ("no tempo em que ele funcionava mais como guitarrista), Wander do Rádio Táxi e Marcelo Sussekind do Herva Doce.

DÉ

Dé, o baixista do Barão Vermelho, tocava baixo intuitivamente até entrar para a Pró-Arte onde aprendeu a parte mais técnica do instrumento. Foi então que passou a prestar atenção no trabalho dos craques do jazz-fussion e da música elétrica. Desta área musical ele destaca o baixo de dois supermúsicos, Stanley Clarke e Jaco Pastorius. Na música pop ele admira o baixo preciso de Sting do grupo The Police. Perguntado sobre o tão falado "ódio à técnica" das bandas punks ele comentou: "É, no palco eu ataco muito mais com a intuição".

GUTO

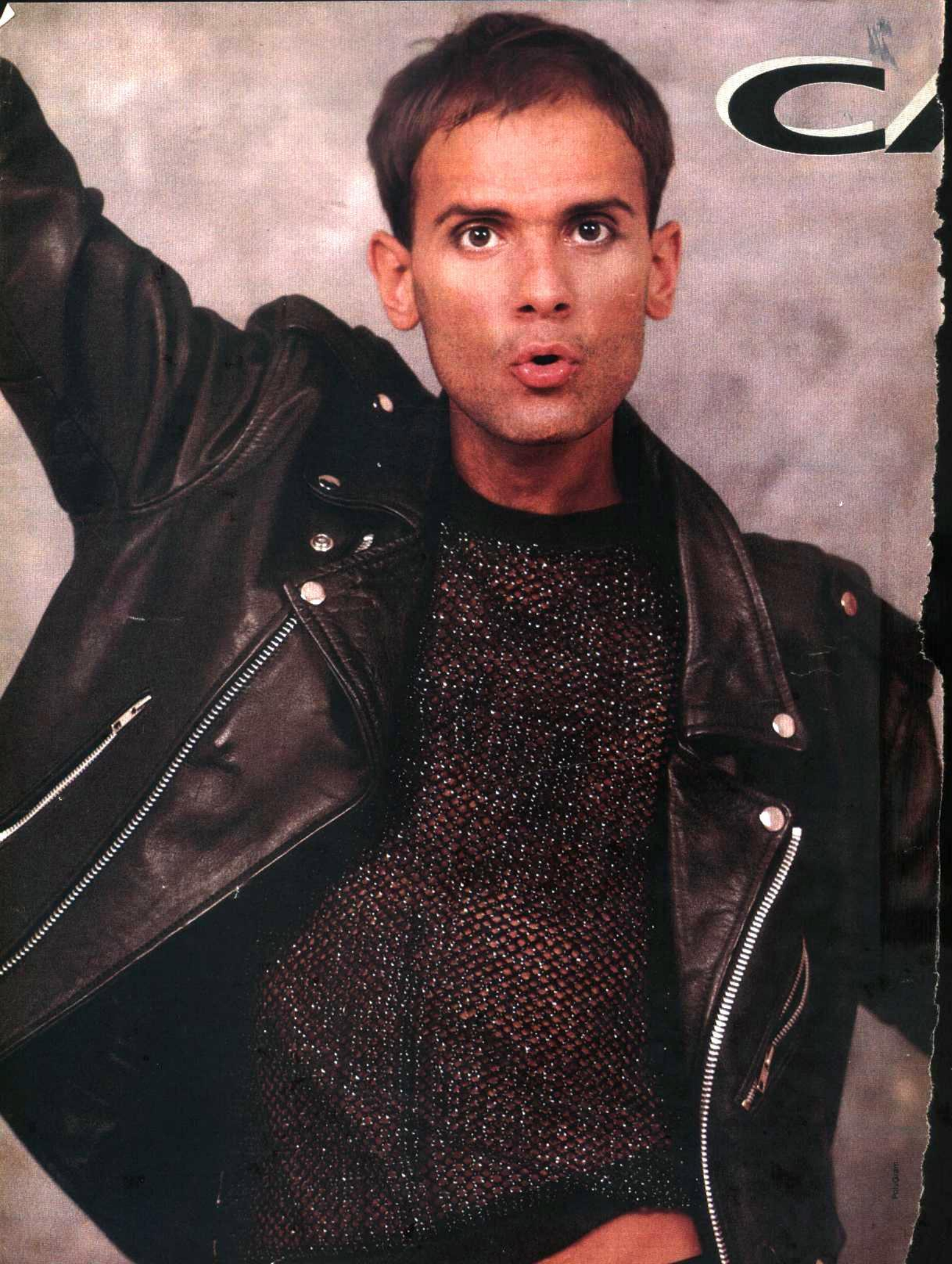
Antes de pegar nas baquetas e tocar no Barão Vermelho, Guto trabalhava em estúdios fazendo trilhas sonoras e vinhetas para a Globo. Depois entrou prá Pró-Arte e passou a se dedicar ao estudo da bateria. Ouve muita música brasileira, que para ele é a melhor coisa da atualidade. Dos grupos estrangeiros cita um nome: Beatles.

MAURÍCIO

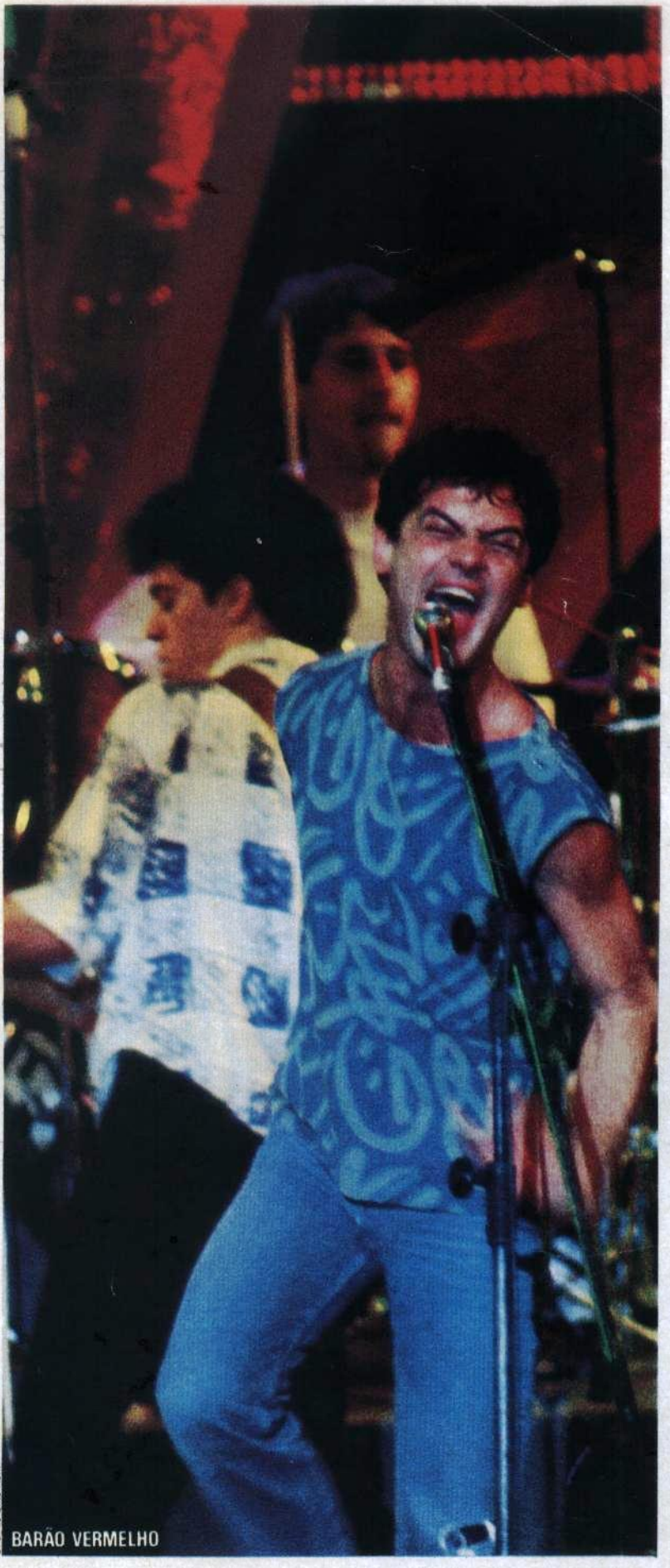
Tecladista do grupo, Maurício chegou aos teclados por causa de Rick Wakeman. Depois de brincadeiras no piano da avó ele decidiu estudar o instrumento a sério. Mas tudo durou pouco, um ano apenas. Hoje em dia não sofre nenhuma influência particular, embora goste "dessa rapaziada nova, new wave, que anda por aí". Apesar de não querer citar nomes, ele revela: "Keith Emerson é o máximo". Menciona de passagem os teclados no trabalho do Prince, segundo ele um lance "totalmente novo, diferente do que todo mundo está transando". Seu ídolo? Jimmy Page.

CAZUZA

Cazuza é cantor e letrista do Barão Vermelho. Suas letras são muito pessoais e a grande maioria feita na primeira pessoa. Cazuza se diz um letrista "auto-referente": "Eu faço uma reportagem do que eu vivo". Esse caráter pessoal e informal dos seus versos faz com que ele muitas vezes, durante as gravações, modifique pequenos trechos das músicas. Outras vezes, nas apresentações ao vivo do grupo, ele diz gostar de acrescentar alguns palavrões. "De repente, é um lance que eu queria ter colocado quando fui gravar, mas é aquela história: estou no Brasil e a gente não pode "extrapolar".



PARADA



Orlando Brito Abril

BARÃO VERMELHO

LEITORES

1. *Technique* (15)
   New Order
   WEA
2. *Like a Prayer* (1)
   Madonna
   WEA
3. *Green* (19)
   R.E.M.
   WEA
4. *Introspective* (3)
   Pet Shop Boys
   EMI-Odeon
5. *Big Thing* (7)
   Duran Duran
   EMI-Odeon
6. *Rattle and Hum* (6)
   U2
   WEA
7. *Sonic Temple* (N)
   The Cult
   EMI-Odeon
8. *Into the Dragon* (R)
   Bomb the Bass
   Stiletto
9. *GN'R Lies* (N)
   Guns N' Roses
   WEA
10. *MM* (4)
    Marisa Monte
    EMI-Odeon
11. *Ouça o Que Eu Digo...* (R)
    Engenheiros do Hawaii
    BMG-Ariola
12. *Tracy Chapman* (R)
    Tracy Chapman
    WEA
13. *Melhores Momentos* (N)
    Cazuza e Barão Vermelho
    Som Livre
14. *Go Back* (2)
    Titãs
    WEA
15. *Wanted* (N)
    Yazz
    Stiletto
16. *Crescendo* (R)
    Ultraje a Rigor
    WEA
17. *New York* (N)
    Lou Reed
    WEA
18. *Rank* (12)
    Smiths
    Stiletto
19. *Cardume* (N)
    Nenhum de Nós
    BMG-Ariola
20. *A Night to Remember* (N)
    Cyndi Lauper
    CBS

Lojas consultadas: **Câmbio Negro** e **Cogumelo Discos** (Belo Horizonte), **Gramophone** e **Modern Sound** (Rio de Janeiro), **Bossa Nova**, **Musical Box**, **Wop Bop** e **Yabba Dabba Doo** (São Paulo).

CONVENÇÕES:
( ) Indica a posição na Parada anterior
(N) Indica novidade na Parada
(R) Indica retorno à Parada

Leitor! Sua participação é indispensável para a Parada BIZZ! Escreva para a redação de BIZZ, Caixa Postal 60081, CEP 05096, São Paulo — SP, dizendo quais os discos que você comprou este mês. Acrescente seu nome, endereço e telefone, para que possamos voltar a consultá-lo

U·2

QUAL É A TUA BARÃO

O sucesso, segundo eles próprios, veio rápido: não foi preciso batalhar. Coisa de cinema americano: eles tocaram, alguém ouviu, gostou e resolveu produzir um disco. Quase heavy-metal, "rock de garagem", disco base, gravado em 48 horas. O segundo, veio com mais balanço, mais trabalhado, mais "new wave". Agora vem o terceiro e o guitarrista Roberto Frejat avisa: "tem samba-funk, punk-rock, etc..." Qual é a sua, Barão Vermelho?

Roll – Como vocês definem a linha, o estilo do grupo?

Frejat: A gente tem, cada vez menos, uma linha. Começamos bem *heavy-metal*. . . Ou melhor, rock pesado, *hard-rock*. O segundo disco já foi bem mais balançado, se bem que com algumas coisas bem pesadas. Mas tinha reggae, funk, blues; era uma coisa mais "piano", um disco mais de estúdio. E esse terceiro que vem aí tem de tudo: rock latino, samba-funk, rock pesado, balada, punk-rock. . .

Roll – E por que essa modificação no estilo?

Frejat: Porque. . . a gente, as pessoas do grupo, têm influências diversas. E eu e o Cazuza somos bastante ecléticos nessa coisa de ouvir. Por exemplo: ao mesmo tempo que o Cazuza ouve Marillion, eu ouço Television, e vice-versa. Eu tanto ouço rock instrumental como rock pesado e Rolling Stones. É uma coisa muito variada e o nosso trabalho tem que refletir isso que a gente gosta de ouvir e de fazer; está ficando cada vez menos preconceituoso. Claro, nós gostamos de rock, tocamos e vamos tocar sempre. Mas não vamos fazer só rock.

Roll – Não haveria uma preocupação mercadológica nessa variedade?

Frejat: Não. Isso apenas reflete um momento nosso e acho que é assim com todo mundo. Sem falar nesse preconceito em relação ao que é rock e o que não é. Eu acho, por exemplo, Moraes Moreira, rock. Porque rock é uma coisa criativa, de mutação constante, revolucionária. Tem a ver com balanço, energia, mexe com as pessoas. Na Bahia, o Trio Elétrico toca e *neguinho* vai atrás. Rock não é um tipo de música, mas sim um comportamento.

Roll – Não se pode negar que houve, e ainda há, uma

"onda" de rock, e vocês fazem parte dela. Esse trabalho de vocês, tem mais a ver com as raízes do rock nacional, tipo Vímana, Peso, Veludo, ou com The Clash, The Police, Rolling Stones?

Frejat: Olha, em termos de trabalho, eu acho que o rock estrangeiro influencia mais a gente do que o rock brasileiro. Mas a gente não nega as informações que nos chegaram. Quando comecei a tocar guitarra, eu vi os últimos shows dos Mutantes, da Bolha e do Vímana. Depois, estes grupos acabaram, mas eu mantive aquela informação. Só que, para mim, aquilo é rock do passado. Hoje, eu não faria igual; ninguém faria. A gente acompanha, sim, o movimento de rock lá de fora, sem deixar de acompanhar o que acontece aqui no Brasil.

Roll — Essa não seria, como muitos gostam de dizer, uma postura de "colonizado"

Frejat: Não acredito nessa coisa. Eu acho que o mundo, com os avanços tecnológicos, de comunicação, virou uma coisa só. O que acontece em Nova Iorque você fica sabendo em dois dias... Cazuza: Que nada, em meia-hora!

Roll — E o que acontece em Nova Dehli, também se sabe em meia-hora?

Cazuza: Mas isso não importa. Se eu vivesse há mil e tantos anos atrás, ia querer saber o que acontecia em Roma, ia querer estar lá. Hoje, o centro do mundo é Nova Iorque; o que há de mais moderno, mais atual, acontece lá, e em Londres...

Roll — Como caixa de ressonância pode ser, mas não é bem assim na qualidade da produção. Você tem artistas indianos, australianos, brasileiros, jamaicanos, arrazando lá fora, não é?

Cazuza: Aí rola um processo de diversificação, de descoberta, e esses caras influenciam também...

Frejat: É o que está acontecendo, ou deve acontecer, com o rock brasileiro: as pessoas vão buscar um caminho próprio, uma identidade com o que seria o som brasileiro. Não adianta você ouvir o Clash, os Stones, e tentar fazer igual, porque se eles estivessem no Brasil, estariam tocando no Western, no Circo Voador...

Roll — Isso tem a ver com aquela questão da colonização cultural...

Frejat: Pois é, mas os que ficam têm qualidade. Não é por acaso.

Roll — Vocês acham que tem muita gente embarcando na onda do rock?

Cazuza Tem. Inclusive porque isso interessa às gravadoras. Investir no rock é uma coisa que se tornou mercadológica. E tem nego aí que não é roqueiro e resolveu tocar rock, mas não é uma coisa de coração...:

Frejat: E o público sente, no ato. A coisa mais fácil de você passar ao público é a falta de sinceridade. Mas, esses grupos, esses caras, vão ser de uma música só, de um ou dois compactos...

Roll — Voltando à questão mercadológica, como é a transa de vocês com imposições de mercado, modismos, tendências, pressões?

Frejat: A nossa gravadora nunca interveio na criação. Nunca chegaram e nos disseram o que fazer. Eles até podem chegar e dizer, como já aconteceu, que o disco era "anti-comercial". Mas nós gravamos assim mesmo.

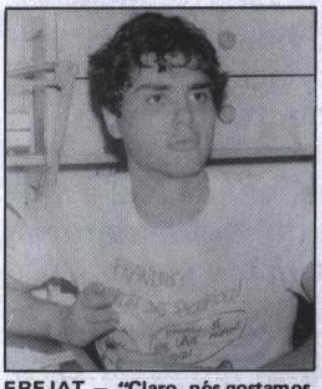
Cazuza: Inclusive porque alguns discos, não importa o quanto vendem, são considerados discos de catálogo. Ou seja, quando o grupo estourar, eles vendem de novo.

Roll — E a crítica, como é a transa de vocês com ela?

Frejat: Até que nós tivemos sorte com a crítica. As piores foram "médias", a não ser uma do jornal O DIA. Mas não importa, porque ninguém deixa de comprar um disco por causa de uma crítica ruim...

Roll — E o início de vocês, foi difícil?

Cazuza: Não, eu considero fácil. A gente não precisou batalhar nada, veio tudo na mão. A crítica elogiava, as pessoas mais legais diziam que o Barão era o maior barato. Aí pintou o Zeca (Ezequiel Neves) e disse que ia produzir um disco da gente. E pronto...



FREJAT — "Claro, nós gostamos, de rock, tocamos rock e vamos tocar sempre. Mas não vamos fazer só rock".

CAZUZA — "Eu acho que o rock estrangeiro influencia mais a gente do que o rock brasileiro.

Roll — Vocês dizem que tem gente aí penando pra gravar um LP, tipo o Lobão e os Miquinhos Amestrados, porque "quem faz um trabalho revolucionário é difícil de ser aceito". E vocês, fazem um trabalho mais "comportado"?

Cazuza: É uma coisa mais balançada, porque a gente acha que o brasileiro, o sul-americano em geral, dança pelo quadril. Já os americano, os europeus têm aquela coisa de sacudir o corpo e balançar a cabeça. Então, o rock brasileiro tem uma tendência a se latinizar, tipo o que o Lulu Santos está fazendo. É uma coisa com balanço, gostosa de dançar, e a gente quer é botar o povo pra dançar gostoso... **Frejatt:** É o lance de você abrir espaço pro maior número de pessoas... **Cazuza:** É o que todo artista quer: tocar pro maior número possível de pessoas. O Brasil é um país mulato, moreno; então, o nosso rock tem que ser moreno...

Roll — Depois do socialismo moreno, vem aí o rock moreno...?

(Risos) **Frejat:** É isso aí..

Roll — Pra tocar para o maior número de pessoas vocês abrem "concessão" ao programa do Chacrinha?

Cazuza: Não, claro que não é concessão. O Chacrinha é o máximo; é o programa de maior audiência, um programa super descontraído, como o Brasil. Chacrinha é um monumento do país e esse papo de "concesão" é típico de quem não conseguiu colocar uma música no Chacrinha, no Fantástico, e fica grilado com quem consegue.

Roll — Sucesso imediato, Caetano e Ney Matogrosso gravando músicas de vocês. Não foi rápido demais?

Frejat: É... Costumam dizer que a gente ainda estava e está meio "verde" pro sucesso. Ainda bem. O Zeca (Ezequiel Neves) é que diz: "ainda bem que eles estão verdes; porque tudo que está maduro, neste país, está caindo de podre..." É isso: somos jovens, o Cazuza, o mais velho, tem 26, e o mais novo, o Dé, tem 19 anos, E daí?